

Recados nas urnas

O terceiro maior eleitorado do mundo depositou nas urnas, juntamente com 80 milhões de votos e suas mais caras esperanças, uma série de recados à elite política dirigente brasileira e tais mensagens já podem ser úteis na campanha para o segundo turno, que se iniciará brevemente. O melhor que os dois disputantes da eleição de 17 de dezembro, que estão emergindo agora das urnas de 15 de novembro, e os outros, soterrados por uma espetacular avalanche de votos, devem fazer é, em primeiro lugar, respeitar a vontade popular e, depois, levar em conta cada um desses recados.

A principal mensagem da mais importante eleição da História da centenária República brasileira já se prenunciava desde maio, mas renitentes analistas políticos pareciam surdos aos ruídos de sua evidência. A sociedade brasileira soterrou sob sua vontade, livre e soberanamente expressa nas urnas, o quadro partidário frágil e artificial com que os políticos profissionais tentaram, durante quase uma década, escamotear a crise de representação que tem assolado a vida institucional brasileira. O PMDB e o PFL, signatários da Aliança Democrática instauradora da Nova República, viram suas máquinas, inchadas, enferrujadas e viciadas, ser paralisadas pela força majoritária do desejo mudancista da sociedade.

Esse recado já tinha sido dado nas eleições municipais de 1988, mas os políticos taparam os ouvidos com cera e se imobilizaram em suas posições, como os marinheiros de Ulisses tentaram evitar a audição do canto das sereias, em seu périplo mitológico. A mensagem, nas grandes cidades (caso específico de São Paulo, para dar um exemplo), emitiu sons fortes e não deixou dúvidas, mas, ainda assim, os políticos tentaram se iludir e enganar seus eleitores apresentando evidências estatísticas de votações naquelas regiões que Tancredo Neves batizava de grotões, nas quais os grandes partidos ainda davam tímidos sinais de vida. Este ano, até os grotões abandonaram os dois partidões à sua própria sorte e resolveram entrar na onda da mudança, tornando a lição mais

barulhenta e acachapante, e a prova da cera mais eficiente. Do PMDB e do PFL não restaram, nestas eleições, nem sequer ruínas.

Ao consagrar, com uma votação espetacular, o candidato do PRN, um partido praticamente fictício, Fernando Collor de Mello, cuja única qualificação notória na administração é ter governado um dos menores e mais pobres Estados do Brasil, Alagoas, a população mandou outro ruidoso sinal aos políticos: deixou claro não se dispor a permitir a sedução das propostas apresentadas por intermediários, que prometem paraísos e terminam atendendo apenas a interesses específicos de grupos ou indivíduos. Durante sete meses, o eleitorado brasileiro ignorou, altivamente, todas as tentativas de transformar o candidato por ele escolhido para virar o quadro de pernas para o ar, numa espécie de anjo decaído. Exposto à chuva e à tempestade, o favorito do eleitor humilde e anônimo mostrou fôlego impressionante e enorme capacidade de reduzir a pó inúmeros argumentos falsamente brilhantes.

Isso quer dizer que esse mesmo cidadão, indignado com a forma como a elite política administra seus interesses coletivos, não está disposto a engolir conchavos de última hora, no segundo turno. A lógica prevalecente na apuração dos votos do primeiro turno indica que de muito pouco adiantará o apoio de candidatos derrotados, teoricamente líderes de correntes políticas significativas, a um ou outro concorrente. O eleitor brasileiro tomou em suas próprias mãos o destino da eleição e vai ser muito difícil devolvê-lo à chamada classe política, até por ele não ter abandonado a convicção de que as mãos dela nunca foram limpas.

A mesma evidência, que pode ser lida na soma dos resultados das 250 mil urnas abertas em todo o Brasil, esclarece, definitivamente, que, seja qual for o adversário de Fernando Collor no segundo turno, Lula ou Brizola, não haverá a tão propalada radicalização da campanha por causa de uma bipolarização entre esquerda e direita. Os arautos dessa

profecia apocalíptica se encontram entre os mesmos que previam a derrocada da candidatura do PRN, acusada de ser apenas um balão de ensaio inflado pelos gases da mídia eletrônica e desprovido de conteúdo político. Trata-se de apenas uma bobagem a mais que adquiriu a falsa aparência de saber científico indiscutível pela repetição pertinaz e dirigida.

Os resultados parciais da apuração do primeiro turno apontam para rumos que esses analistas, construtores de altares de verdade definitiva, usando a pedra de suas idiossincrasias mesquinhas, jamais seriam capazes de imaginar. A dianteira de Brizola no Rio Grande do Sul e no Rio, e de Lula em Pernambuco, e a boa votação de Paulo Maluf e Mário Covas em São Paulo, não repetidas no resto do País, demonstram, certamente, o caráter mais regionalista do que ideológico do voto. Não há razão lógica para um eleitor pernambucano, que apostou em seu conterrâneo no primeiro turno, encontrar o mesmo motivo para se definir pelo ex-governador Brizola, no segundo, caso se encontre ante essa perspectiva. Da mesma forma, milhares de gaúchos se sentirão desobrigados de eleger o candidato apontado por seu patricio, uma vez que com ele certamente não terão a mesma identidade atávica, na hipótese de chegar Lula, e não o caudilho dos Pampas ao turno decisivo.

O segundo turno — conquista civilizada e civilizadora do processo de construção do regime democrático brasileiro — vai exigir dos dois finalistas novo contato direto com o eleitor, que não parece mais disposto a abrir mão de seu recém-adquirido poder de decisão em nome de fidelidades ideológicas ou suspeitas malévolas. Mais do que os apressados analistas de plantão, o cidadão brasileiro está preparado para tomar a atitude que considerar mais adequada, neste momento grave, sem exigir intolerantes atestados de fé ideológica nem levar em conta aleivosias assacadas pela maledicência militante. Resta aos candidatos que disputarem o turno final provar estarem à altura de tal decisão, prestando atenção aos recados dados nas urnas e sabendo lhes dar respostas adequadas.